

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 1 | Nº 3 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3752315>



A ESCOLA CONTEMPORÂNEA: UM ESPAÇO DE REFLEXÃO E CRÍTICA

Wagner Feitosa Avelino¹

Resumo

O presente texto faz uma alusão a escola contemporânea como espaço de conhecimento. Contudo, não tem recebido as devidas atenções, diante das mazelas daqueles que não conhecem e não se interessam sobre os estudos e pesquisas no/do/sobre o cotidiano escolar, ao qual pode levar ao sucesso escolar. O discurso de que a escola é importante de fato existe, mas na prática vem sendo desprezada e fatiada por responsabilidades alheias, aos quais remete a crise do fracasso escolar.

Palavras-chave: Brasil; crise; ensino; escola.

Os professores tem enfrentado muitas dificuldades ao exercerem seus ofícios no cotidiano escolar, tais como baixos salários, condições precárias de infraestruturas, violência escolar, falta de investimentos em cursos de formação, descaso de governos em políticas públicas educacionais, entre outras labutas que formariam uma enorme lista, e dentre essas está o desinteresse dos alunos, devido aos conteúdos engessados nos currículos escolares. Assim, despertar o interesse pelo conhecimento não é uma tarefa muito fácil, ainda mais nessas condições de trabalho dos educadores do século XXI.

Essa difícil missão em despertar a paixão pelo saber e fomentar a importância da escola no processo de ensino e aprendizagem dia após dia, tem sua gênese em problemas nas políticas públicas e nas poucas pesquisas no/do/sobre o cotidiano escolar. Percebe-se que tentativas de projetos educacionais partem mais de pressupostos políticos que pedagógicos. Uma das causas dessa apatia pela instituição educacional na atualidade, se dá inicialmente pelo fato de uma obrigatoriedade das crianças serem matriculadas em escolas a partir dos 6 anos na Educação Básica (BRASIL, 2005). Aliás, diante dessa conjectura, ao chegarem ao final do Ensino Médio, jovens não veem mais a escola como espaço do saber, mas apenas para relações de convívios ou para fugirem dos problemas extra escolares. Desse modo, essa escola tornou-se em um fardo, um local sem o real sentido eminente, quase como uma punição estar ali diariamente, isso tanto para professores quanto para alunos que estão em uma instituição estereotipada, multifacetada e repleto de conflitos não resolvidos.

A saber, a escola tem sua funcionalidade social, política, econômica e cultural, contudo tornou-se em um depósito de crianças para os pais trabalharem, deixando suas responsabilidades a mercê dos educadores, que para sobreviverem aceitam condições cada vez mais insalubres em ambientes escolares. A escola não é atrativa aos olhos dos alunos, principalmente quando se aproximam da juventude, exceto

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista, docente da Faculdade de Americana e professor coordenador de Ciências Humanas na Secretaria de Educação de São Paulo. Email para contato: wagnerhist@bol.com.br



instituições que possuem educadores que “nadam contra a maré”, sendo perseguidos ideologicamente por quebrarem paradigmas ao discutirem assuntos ditos como ortodoxos ou por inovarem seus métodos didáticos e avaliativos.

É notório que a falta de objetivos está agregada a métodos de ensinos tradicionais e à lacuna existente entre a teoria e a prática, ou seja, os conteúdos ministrados por professores não condizem com a realidade dos alunos. Afinal, quem nunca se perguntou em que momento da vida, quando e onde usar aquela fórmula matemática, ou o porquê aprender sobre a história que já ficou no passado, e esse dilema também é um dos desafios da escola contemporânea. De certa forma, contextualizar uma temática em sala de aula é aproximar-se da realidade dos alunos, é dar a eles a motivação para aprender. Ninguém quer “perder tempo” em um mundo capitalista ao aprender assuntos que não tem praticidades e irão utilizar posteriormente.

De fato, mostrar aos alunos a importância da instituição escolar e do conhecimento é a chave para o sucesso pessoal e escolar. Mas, para efetivar positivamente o sucesso escolar, há uma necessidade de conscientização, elaboração, união e ação da comunidade escolar em prol da valorização da escola contemporânea, que vem perdendo sua funcionalidade pedagógica, cultural e social. Para contextualizar, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no artigo 80 (BRASIL, 1996) e o Decreto nº 5.266, no artigo 30 (BRASIL, 2005) remete a Educação a Distância a ideia de uma educação que reduz o tempo e o espaço dos alunos nessa fase. Não é uma crítica a esse método de ensino, mas seria essa a crise da escola presencial? Percebe-se que é um ensaio político para ampliarem os cursos e disciplinas em EAD e conseqüentemente perder de vez as características sociais e humanísticas que a escola contempla em cada indivíduo, ao ser inserido gradativamente a sociedade.

Obter conhecimentos em ambiente escolar não remete apenas um aglomerado de informações curriculares, é virtude, é oportunidade, é liberdade, é o que difere o ser humano de todas as criaturas existentes. Mas, como incentivar os alunos a terem essa paixão pelo conhecimento na escola contemporânea? Mesmo com todas essas nuances e labutas que descaracterizam a escola como a tal, devem apresentar aos alunos ao longo da Educação Básica, o quanto é valiosa a oportunidade de frequentar uma escola, onde os professores ainda podem discutir sobre democracia, respeito, diversidade e intolerância. De fato, debater assuntos considerados “polêmicos” tornou-se também em desafios aos educadores, ou seja, cada vez mais limitados ao ato de ensinar e no auxílio das escolhas pessoais de cada indivíduo.

O conhecimento adquirido em ambiente escolar é uma carta de alforria, que liberta, livra das cadeias físicas e mental, que se desprende da ignorância exacerbada e que os mantém dependentes da aprendizagem. Assim, a escola é o espaço propício para adquirir o conhecimento. Contudo, o discurso



que a escola é importante, facilmente são ouvidos pela comunidade escolar e políticos. Mas, na prática querem acabar com a escola, que tem uma função importantíssima para libertar da ignorância.

As escolas sem seus principais agentes (alunos e professores) se acabam, e sem as verbas destinadas corretamente, esse processo pode ser acelerado, como vem ocorrendo ao longo da História da Educação. Ao questionar alunos sobre os Projetos de Vida, poucos optam pelos cursos de licenciaturas, o que mostra uma profissão completamente desvalorizada diante da sociedade.

A profissão docente é muito mais do que o ato de ensinar os alunos a ler, a escrever, a fazer contas, a aprender sobre as disciplinas de História, ou Geografia, o papel é preparar os alunos para a vida, a respeitar, a serem protagonistas e dar sentido para sua própria história. Cabem aos professores, a missão de plantar a semente do conhecimento, apresentar uma escolar que remeta ao saber, é espaço de socialização e respeito pelas opiniões individuais. Cada indivíduo que compõe a escola tem sua função e responsabilidade, sejam eles o governo, professores, pais ou alunos. A escola é como uma engrenagem a falta de um elo, não pode avançar, e infelizmente é isso que vem ocorrendo diante dos olhares de todos.

Educadores são culpados por não motivarem seus alunos, por não planejarem e adequarem suas aulas, por não renovarem as didáticas com metodologias ativas e não estreitarem a afetividade com seus alunos. Por sua vez, o governo também recebe a sua culpa, normalmente agregado a falta de investimentos, aos baixos salários dos educadores, as condições precárias de infraestruturas de algumas escolas do país, a incivilidade e violência escolar, a oferta de cursos de formação e ao descaso das políticas públicas educacionais que não saem do papel. Os alunos, de certa forma sabem da importância da escola, mas tem o celular, as redes sociais, os jogos em primeiro plano, pois tem o acesso à internet que dá informações muito mais rápida e dinâmica que os professores nas escolas. Assim, os alunos deixam os projetos pessoais para um segundo plano, acreditando que as oportunidades permanecerão ali como um self-service. Por fim, a sociedade em geral, que tem acesso limitado as informações disponibilizadas pelas mídias e se abstém das pesquisas etnográficas no/do/sobre o cotidiano escolar, ao qual muito pode apresentar sobre a realidade cotidiana.

Portanto, todos são responsabilizados pela crise educacional e transferir a culpa aos outros setores só representa o despreparo da população diante da questão educacional, o que marca um estado de alerta entorno da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro, 1996**. Brasília: Planalto, 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 06/02/2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA

www.revista.ufrr.br/boca

BRASIL. **Lei n. 11.114, de 16 de maio, 2005**. Brasília: Planalto, 2005. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 06/02/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro, 2005**. Brasília: MEC, 2005. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 06/02/2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 1 | Nº 3 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Eduardo Devés, Universidad de Santiago de Chile

Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima